

# CARRETEL

F U N D A Ç Ã O I B E R Ê



# #17

JANEIRO  
FEVEREIRO  
MARÇO  
2026



#04

Marepe  
Um fio que ligue os mundos

#08

Tarik Kiswanson  
Fora do tempo

#12

Marco Maggi  
La economía de la atención

+

+ Chefs gaúchos na França  
+ Prêmio Aliança Francesa  
+ Documentário Iberê

Votos de um  
**2026**  
repleto de  
alegrias e  
saúde!

**Iberê Camargo**  
Cartão de Boas Festas, sem data  
Nanquim e grafite sobre cartão  
11,9 × 15,9 cm



Foto: Fábio Del Rei, Vivaroto



CARRETEL  
FUNDAÇÃO IBERÊ

**Editores**  
Emílio Kalil  
Gustavo Possamai  
Roberta Amaral

**Revisão**  
Midiarte Comunicação

**Capa**  
**Marco Maggi**  
*Rolling quotes*  
[Citações rolantes], 2025  
Foto: Estúdio Marco Maggi

**Projeto Gráfico e Diagramação**  
Pomo Estúdio

#### CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter  
Presidente  
Arthur Bender Filho  
Arthur Hertz  
Beatriz Bier Johannpeter  
Celso Kiperman  
Dulce Goettems  
Fernando Luís Schüller  
Hermes Gazzola  
Isaac Alster  
Joseph Thomas Elbling  
Júlio Cesar Goulart Lanes  
Lia Dulce Lunardi Raffainer  
Livia Bortoncello  
Nelson Pacheco Sirotsky  
Renato Malcon  
Rodrigo Vontobel  
Sérgio D'Agostin  
Wagner Luciano dos Santos Machado  
William Ling

**Conselho Fiscal**  
Carlos Cesar Pilla  
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna  
Gilberto Schwartzmann  
Heron Charneski  
Ricardo Russowsky  
Volmir Luiz Gilioli

**Diretores**  
Justo Werlang  
Diretor-Presidente  
Ingrid de Kroes  
Vice-Presidente  
Rodrigo Azevedo  
Vice-Presidente  
Anna Paula Vasconcellos Ribeiro  
Cesar Paz  
Fabio Chemello  
José Luiz de Mello Canal  
Marcelo Bezerra de Mello Marinho  
Mathias Kisslinger Rodrigues  
Pedro Dominguez Chagas

#### EQUIPE

**Diretor-Superintendente**  
Emílio Kalil

**Secretaria Executiva**  
Nara Rocha

**Comunicação e Imprensa**  
Roberta Amaral

**Design e Plataformas Digitais**  
José Kalil

**Administrativo/Financeiro**  
Luciane Zwetsch  
Guilherme Collovini

**Programa Educativo**  
Lêda Fonseca, consultoria pedagógica  
Ilana Machado, coordenação  
Juliana Corrêa, assistente de coordenação  
Brenda Leie, Eduarda Cartagena,  
Eduarda Fassina Silva, Gabrielle Aguiar Lopes,  
Leonardo Hoppe Zillmann,  
Leonardo Miguel Ramos, Luísa Vieira,  
Raphaelle Cardoso e Yasmin Lima, mediação

**Acervo/Ateliê de Gravura**  
Eduardo Haesbaert  
Gustavo Possamai  
Nina Sanmartin  
Jonathas Rosa dos Anjos

**Consultoria Jurídica**  
Silveiro Advogados

**Gestão do Site e TI**  
Machado TI

**Produção**  
Patrick Arozi

**Conservação e Manutenção**  
Lucas Bernardes Volpatto  
Arnaldo Henrique Michel  
Alisson Folletto

**Receptivo**  
Iury Fontes dos Passos  
Laura Palma

MAC USP APRESENTA EXPOSIÇÃO DE JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA  
APÓS O SUCESSO NO MUSEU DE GRENOBLE E NA FUNDAÇÃO IBERÊ



# JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA

## PINTAR O BRASIL

Visite até  
**15 MAR 2026**

**MAC USP**  
Av. Pedro Álvares Cabral, 1301  
Ibirapura - São Paulo - SP, Brasil

Terça a domingo, das 10h às 21h

*Entrada gratuita*



Marepe  
Um fio que ligue  
os mundos  
Ricardo Sardenberg,  
curadoria  
23 ago > 15 mar



## Marepe e a ressignificação de objetos cotidianos



Fotos: Édouard Fraipont







Foto: Direitos reservados



Foto: Anderson Asfor

Marepe, as primeiras sílabas do nome de batismo Marcos Reis Peixoto, nasceu em 1970, na pequena Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. A cidade conecta o sertão ao mar, sendo um importante eixo por onde passam as mais diversas mercadorias, de materiais de construção a alimentos.

Quando criança, costumava voltar da escola e passar um tempo na Comercial São Luís, onde trabalhava seu pai. Na loja de materiais, brincava com bacias, cordas, latas, caixas de fósforos e outros itens banais do dia a dia. Ali revelava-se um artista visual.

Já adulto, ingressou no curso de Artes Plásticas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com quem vivia uma relação atribulada, e nunca concluiu a faculdade. Foram as memórias da infância que lhe abriram as portas no mercado da arte.

São quase 40 anos de carreira e Marepe é mundialmente conhecido pela maneira inventiva com que se apropria de objetos e práticas culturais de sua terra natal, centrada em *ready-mades*. O termo, criado por Marcel Duchamp (1887-1968), designa um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados, como museus ou galerias de arte. A irreverência e o senso de humor compõem o produto final.

Agora, Marepe atravessa o Brasil para apresentar na Fundação Iberê sua primeira exposição individual na capital. Com curadoria de Ricardo Sardenberg, o conjunto de 21 obras criadas entre 1995 e 2024 evoca poeticamente uma memória pessoal que se entrelaça à sua cidade natal. Tudo vem da terra onde ainda vive, do convívio com seus habitantes, vizinhos e familiares. Está à venda nas lojas da pacata Santo Antônio? Virou arte: assadeiras, bacias, latas, carrinhos de obra, tijolos, mesas de plástico, madeira e papelão. Ou como ele mesmo diz, suas obras estão prontas, mas são invisíveis para as pessoas.

Segundo Sardenberg, “A obra de Marepe não se inscreve simplesmente no espaço da representação; ela age sobre a percepção, desestabilizando os códigos estéticos e as categorias instituídas pela modernidade eurocentrada. Escadas, bacias, carrinhos de feira – longe de funcionarem como alegorias identitárias – operam como agentes formais

que reorganizam o campo do sensível. Marepe faz com os objetos cotidianos o que os construtivistas faziam com a linha e o plano: desnaturaliza-os, interrompe seu fluxo utilitário e os reintroduz no campo do significante, agora como enigma.”

No catálogo da exposição, o curador enfatiza: “É nesse novo ecossistema material que a obra de Marepe encontra sua força crítica. Ao recolocar em cena esses objetos – bacias, carrinhos, cadeiras, bicicletas, escadas, enfeites de natal – não como resíduos, mas como signos ativos de uma economia afetiva, o artista realiza uma torção semântica no gesto do *ready-made*. Se Duchamp retirava o objeto de seu contexto funcional para inseri-lo no circuito da arte, Marepe opera um movimento inverso: ele reinscreve o objeto artístico no campo do necessário. Por isso, em vez de *ready-made*, Marepe propõe, de forma jocosa, a ideia de *necessaire* – aquilo de que se precisa para viver. A arte, aqui, não está apartada da vida; ela se faz no entrelaço entre memória e precariedade, entre invenção e escassez, entre o local e o global – enfim, uma celebração do campo de visão de quem olha a partir do umbigo da periferia.”

Para Sardenberg, seria um equívoco situar Marepe apenas dentro da genealogia da escultura contemporânea ou da instalação. O que está em jogo em sua prática é uma reconfiguração das condições mesmas da arte, uma contestação silenciosa – mas não por isso menos incisiva – dos regimes de visibilidade que historicamente separaram o “popular” do “erudito”, o “regional” do “universal”. Como certos gestos duchampianos reterritorializados a partir do recôncavo baiano, seus objetos deslocam o familiar para o campo do estranho, do inquietante. ■





Tarik Kiswanson  
**Fora do tempo**  
 Ricardo Sardenberg,  
 curadoria  
 30 ago > 01 mar



# Tarik Kiswanson

## Fora do tempo

Vencedor do Prêmio Marcel Duchamp de 2023 – um dos prêmios mais prestigiados da arte contemporânea – o artista explora a intersecção entre memória, perda e transformação, refletindo sua história pessoal e, ao mesmo tempo, dialogando com a incerteza mais ampla de um mundo em transição.

Foto: Wolfgang Günzel

Até o final de dezembro acontece o Ano Cultural França-Brasil, acordo firmado entre os governos dos dois países para a promoção de um conjunto de ações que celebram os 200 anos de suas relações diplomáticas, com atividades em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belém, Salvador, Recife, Fortaleza, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Campinas, São Luís, Teresina, João Pessoa e Macapá. A Fundação Iberê é a única instituição no Rio Grande do Sul a integrar a programação oficial com a primeira exposição do artista Tarik Kiswanson no país. Com curadoria de Jean-Marc Prévost, a mostra reúne um conjunto de obras em escultura, desenho e vídeo, destacando uma prática multidisciplinar fundamentada em noções de transformação e memória.

Kiswanson nasceu em 1986, em uma pequena cidade da Suécia, filho de pais palestinos que foram exilados de Jerusalém, primeiro para Trípoli e Amã, antes de, finalmente, se estabelecerem em Halmstad. Após uma década em Londres, onde estudou arte, mudou-se para Paris, onde vive e trabalha desde 2010. Ele tem quatro nacionalidades e fala e escreve em cinco idiomas.

Há mais de uma década, o artista vem explorando noções de desenraizamento, metamorfose e memória por meio de uma prática interdisciplinar – escultura, desenho, cinema, som, intervenções espaciais e poesia. Um legado de deslocamento e transformação permeia suas obras e é indispensável tanto para sua forma quanto para os modos de percepção que produzem. Embora mantenha um vínculo com o íntimo e o pessoal, o trabalho aborda preocupações universais e histórias sociais e coletivas de ruptura, perda e regeneração. Sua obra pode ser entendida como uma cosmologia de famílias conceituais interligadas, cada uma explorando variações de temas, como refração, multiplicação, desintegração, levitação e polifonia a partir de uma linguagem própria. “Sou um imigrante de segunda geração e minha prática é inevitavelmente moldada por noções de deslocamento e transformação”, afirma.

Nas vinte obras apresentadas na Fundação Iberê, Tarik Kiswanson transita entre o figurativo e o abstrato em sua contínua exploração do corpo, da história e da memória. A leveza de sua produção contrasta com o peso das histórias presentes nos objetos que utiliza.

Os primeiros trabalhos são, em grande parte, um processamento profundamente pessoal da sua própria história familiar. Esse envolvimento é evidente nas

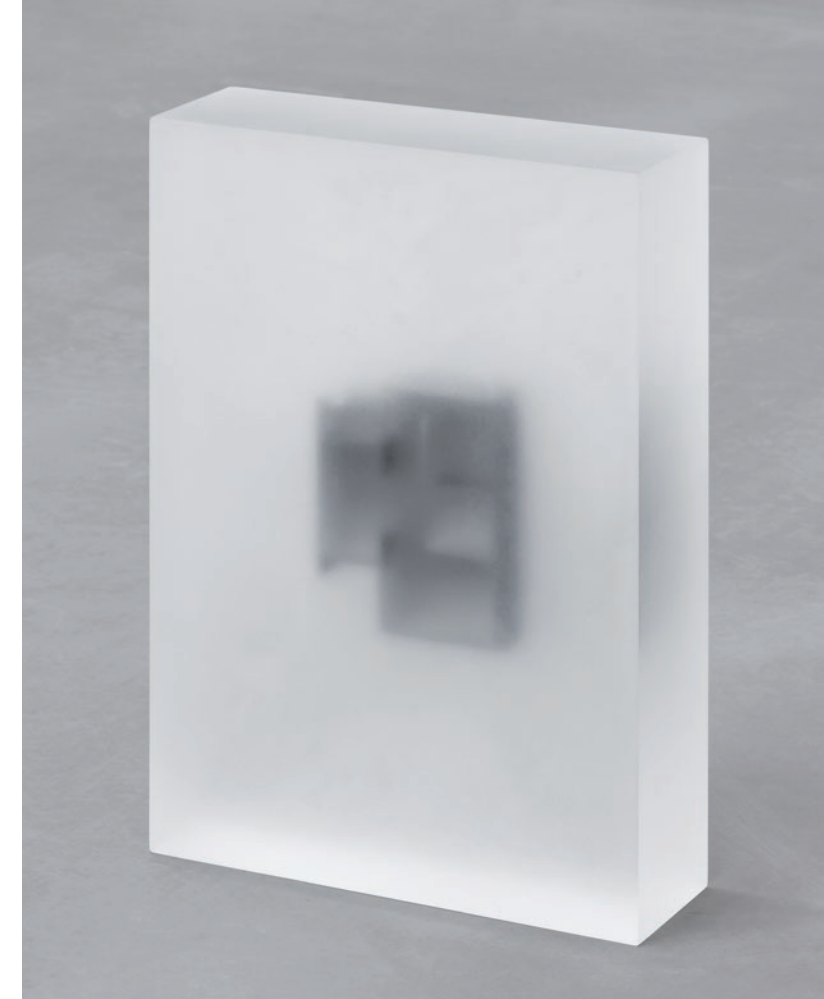


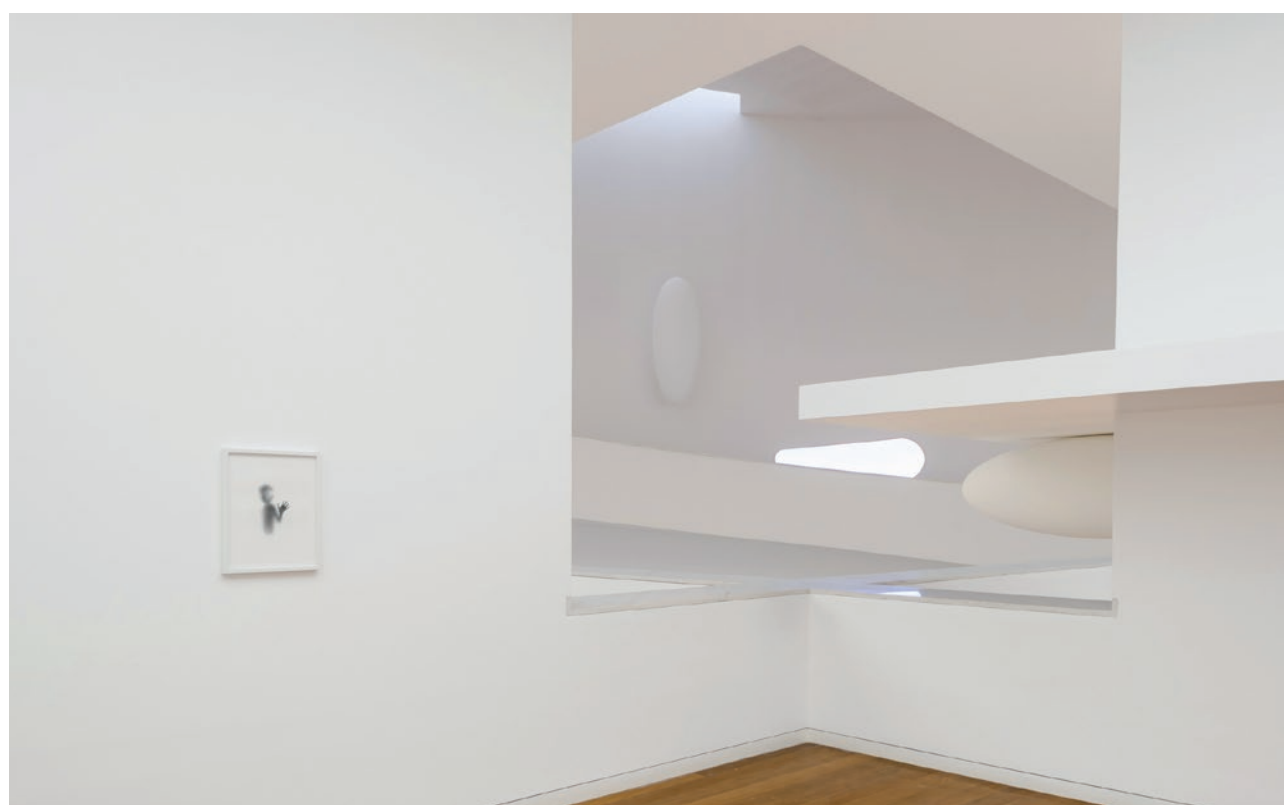
Foto: Jean-Baptiste Beranger

esculturas intituladas *Recall* [Recordação] (2020-2025). As peças retangulares, apoiadas diretamente no chão e que lembram lápides translúcidas e borradas, falam tanto de lembrança quanto de perda. Através de sua presença etérea, quase assombrosa, elas convidam os espectadores a contemplar não apenas a narrativa pessoal de Kiswanson, mas também experiências coletivas mais amplas dentro de histórias diaspóricas. Ao esbater as fronteiras entre o pessoal e o comunitário, essas esculturas evocam um senso de história compartilhada e de identidade coletiva.

A exposição inicia com o vídeo *The Fall* [A Queda] (2020), uma obra contemplativa que mostra um garoto caindo lentamente para trás em uma sala de aula vazia. Em um estado de levitação entre o equilíbrio e o colapso, esse momento suspenso – ao mesmo tempo íntimo e desconcertante – reflete uma noção recorrente na obra de Kiswanson: a da criança no limiar da adolescência.

Nos desenhos intitulados *The Window* [A Janela] (2020-2025), o espectador se depara com uma pequena figura infantil emergindo de um fundo nebuloso, com o braço e a palma da mão estendidos em um gesto que pode significar distanciamento ou busca. Emocional e distante, íntimo e minimalista, o artista permite que o público mergulhe em seu universo.





Fotos: Anderson Astor



Nas esculturas levitantes intituladas *Nest* [Ninho] (2020-2023) e *Cradle* [Berço] (2020-2024), formas imaculadamente brancas, semelhantes a casulos, sugerem o surgimento iminente da vida — um nascimento ou renascimento, evocando os grandes ciclos da natureza, mas que também podem ser vistas como locais de refúgio e abrigo. Sua mera presença física sugere uma força inerente capaz de quebrar hierarquias e perturbar a ordem estabelecida.

Os desenhos do artista aparecem ao longo da mostra. Alguns retratam crianças pairando no limiar da visibilidade, enquanto outros surgem como formas ovais borradas, lembrando nuvens ou núcleos de energia. Construídos a partir de sucessivas camadas de carvão, os desenhos refletem a contínua investigação da artista sobre o corpo e seu lugar no mundo: sua transformação, sua dissolução, sua ausência e sua renovação. Ao mesmo tempo materiais e metafísicos, eles evocam o conceito de opacidade de Édouard Glissant — uma influência formadora para o artista desde seus primeiros anos como estudante.

“Embora enraizada na experiência pessoal, a arte de Kiswanson transcende o autobiográfico para se envolver com dinâmicas mais amplas de memória coletiva e transmissão cultural. Suas obras atuam como veículos de lembrança — formas que carregam traços tanto de trauma quanto de regeneração. Ao fazê-lo, refletem sobre a condição humana como algo moldado não pela estabilidade, mas por uma negociação contínua entre passado e presente, eu e outro, presença e ausência”, enfatiza Prévost. ■





Marco Maggi  
**La economía de la atención**  
 Patricia Bentancur, curadoria  
 23 ago > 15 mar



# Os pequenos fragmentos de Marco Maggi

**La economía de la atención**  
 demanda um olhar  
 atento do espectador



Foto: Anderson Astor



Com o olhar de um escultor e a precisão de um cirurgião, o artista uruguaio Marco Maggi conquistou reconhecimento internacional por criar desenhos abstratos e detalhados utilizando materiais comuns, como grafite, estilete, Claybord, acrílico, papel de escritório ou papel alumínio. Utilizando humor, jogos de palavras e uma variedade de alusões visuais, ele utiliza seus processos meticulosos para explorar a relação entre informação e conhecimento em nosso mundo contemporâneo.

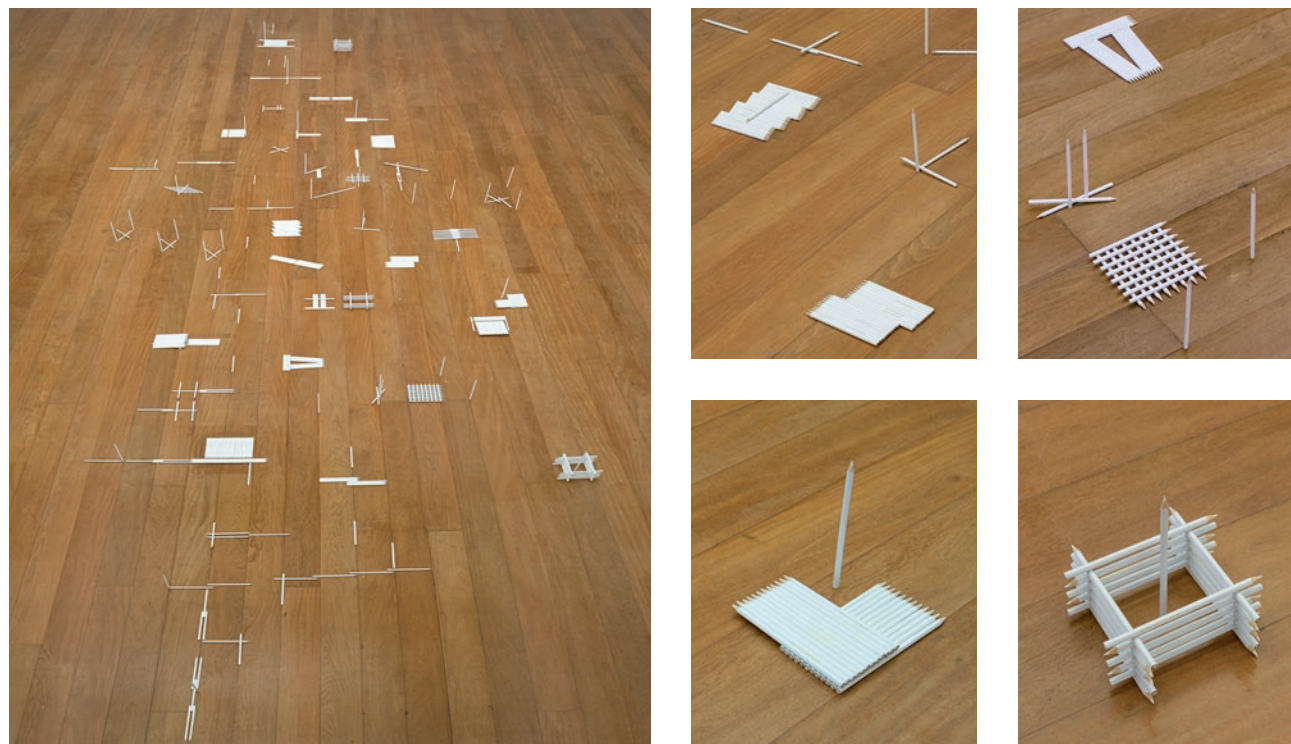
Em texto sobre o trabalho de Maggi, na ocasião em que o artista representou o Uruguai na Bienal de Veneza de 2015, o filósofo François Cusset pontuou acerca do método do artista: “Traços lidam com o significado; eles qualificam o que merece ser inscrito: por outro lado, o insignificante não deixa rastros, o banal não tem memória, tudo desaparece com o instante de sua relevância. Marco Maggi vira essa ordem estabelecida de cabeça para baixo; esculpindo e cortando, ele transforma o insignificante em traço, o vácuo em arquivo, a sombra em alfabeto, o detalhe em cosmos e as mais ínfimas variações naquela famosa revolução que havíamos desistido de esperar”.

O resultado de sua arte meticulosa e analógica é ao mesmo tempo enigmático e fascinante. Em um nível formal, gravando ou recortando formas, o artista adiciona uma terceira dimensão aos seus desenhos e compõe como um escultor, usando luz, sombra e espaço, negativo e positivo. Em um nível semântico, com uma gramática detalhada, Maggi retrata um mundo movido por elementos minúsculos.

Combinando diversos desenhos bidimensionais e tridimensionais em instalações de grande escala que se percorrem como uma caça ao tesouro, suas obras são instaladas em ângulos, alturas e locais inusitados, de modo que cada uma delas parece uma descoberta. O trabalho de Maggi funciona como um antídoto ao excesso de informação transmitida por redes de mídia e telecomunicações cada vez mais complexas e rápidas.

Com curadoria de Patricia Bentancur, que acaba de ser anunciada como a responsável pelo Pavilhão do Uruguai na Bienal de Veneza em 2026, a exposição *La economía de la atención* apresenta doze trabalhos, entre desenhos, instalações, elementos do cotidiano, como rolo de tinta, bola de pingue-pongue, mesa de

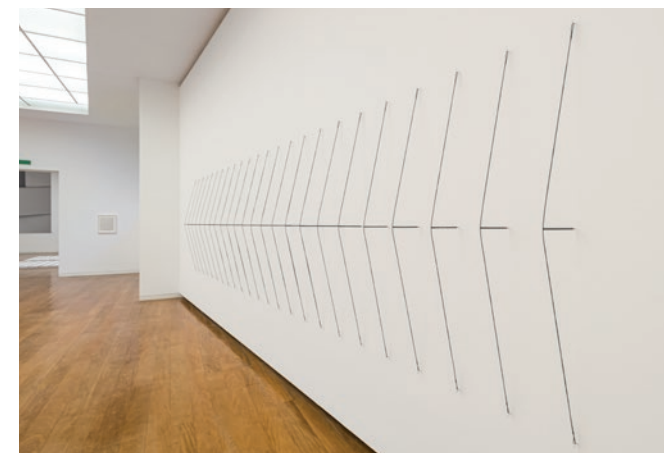




Fotos: Anderson Astor

Nascido em 1967 em Montevideu, o artista divide seu tempo entre Nova York e sua cidade natal, criando trabalhos em pequenos fragmentos de papéis das mais diversas cores, materialidades e recortes. Utilizando humor, jogos de palavras e uma variedade de alusões visuais, Maggi incentiva seus espectadores a desacelerar e refletir sobre os detalhes e as complexidades de cada objeto.

O artista já expôs em diversos países, tendo participado da 25ª Bienal de São Paulo, em 2002; da 8ª Bienal de Havana, em 2003, e da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha, em 2006. Na Bienal de Veneza de 2015, Marco Maggi foi o artista convidado para representar o Uruguai no pavilhão do seu país de origem.



sinuca e colagens com papéis recortados, uma das marcas do artista. Uma das esculturas, Construir y demoler (dibujo a lápiz), é composta por 576 lápis no chão. Já em La sociedad subatómica, o artista utiliza ponta-seca sobre 16 bolas de bilhar incolores em uma mesa de sinuca preta. Durante sua passagem pela Fundação Iberê para a inauguração da mostra, o artista criou uma obra inédita, de grandes dimensões, a partir de pequenos recortes em papel.

De acordo com Patricia, La economía de la atención propõe uma reflexão sobre os modos como a atenção se constrói e é direcionada. Uma vez que as obras de Maggi configuram um sistema visual de estruturas mínimas, quase imperceptíveis, compreendê-lo é entrar em um código analógico de um algoritmo que se repetirá e reformulará uma e outra vez. Micro cortes em papel, incisões sobre acrílico ou grafite, que só existem a partir do intangível: a luz e a sombra.

“A força do título da exposição reside nessa oscilação: não designa univocamente, mas abre um campo de tensões que cada visitante deve negociar em seu percurso. A experiência da exposição pode ser percebida como uma reflexão sobre a lógica global da informação ou como um manifesto sobre a necessidade de prestar atenção, devagar e de perto, ao que se nos apresenta como realidade. Trata-se, então, de uma economia política da visibilidade – mercado de dados, circulação de imagens, consumo cultural – ou de uma economia íntima, pessoal, de como cada espectador distribui seu tempo e sua concentração, seja diante destes trabalhos (obras, exposição), seja diante da complexidade da vida cotidiana”, explica a curadora. ■



Foto: Estúdio Marco Maggi



# Quem são os três gaúchos convidados da festa gastronômica no Carreau du Temple, em Paris

Com mais de 10 mil visitantes num único fim de semana, a Temporada Brasil-França 2025 celebrou os 200 anos de relações diplomáticas entre os países, festejando a culinária brasileira na última edição do Food Temple de Paris.



A culinária brasileira é um reflexo do próprio país. Da Amazônia ao Sul, ela incorpora uma rica herança multicultural, mesclando tradições indígenas, africanas e europeias. Cada região possui suas próprias especialidades, moldadas por sua história, recursos naturais e influências. No Norte, os pratos amazônicos destacam a mandioca, os peixes de água doce e as frutas exóticas, como açaí e cupuaçu. Na Bahia, a culinária é marcada pela influência africana, com pratos icônicos, como a moqueca, o vatapá e o acarajé, ricos em azeite de dendê, leite de coco e especiarias. O Sul, influenciado por imigrantes europeus, oferece uma culinária centrada na carne, como o famoso churrasco. Na região central, a feijoada, um ensopado de feijão preto e carnes, é o prato nacional por excelência.

Entre os dias 18 e 21 de setembro, o famoso **Carreau du Temple**, localizado no coração de Paris, voltou a ser cenário do 9º Food Temple, o festival francês que reúne os amantes da boa comida brasileira. Entre os chefs convidados por **Emílio Kalil**, comissário-geral do Brasil para a Temporada França-Brasil 2025, três são gaúchos.

**Marcelo Schambeck** (Capincho, Porto Alegre) serviu a famosa costela assada lentamente por 16 horas, enquanto **Vico Crocco** homenageou a cultura africana do Rio Grande do Sul com um xinxim de galinha e, para sobremesa, cocada de forno de cupuaçu e açaí juçara, produzido no



Emílio Kalil, comissário-geral da Temporada Brasil-França 2025 com o presidente francês Emmanuel Macron

litoral norte gaúcho. A estrela Michelin **Roberta Sudbrack** (Ocre, Gramado), considerada uma das 50 melhores chefs da América do Sul, colaborou com a patrona do 9º Food Temple, **Alessandra Montagne**, chef renomada no cenário parisiense por sua culinária socialmente consciente e com zero desperdício, em um almoço a quatro mãos.

Durante todo o final de semana, o público pode degustar pratos tradicionais, como pão de queijo, moqueca de camarão e frango mineirinho, além de criações contemporâneas. Workshops, refeições comunitárias, master-classes e um mercado repleto de sabores 100% brasileiros — café, caipirinha, chocolate e especialidades doces e salgadas — completaram a experiência.

Mais do que a comida, o Food Temple celebra a cultura brasileira em toda a sua vivacidade. Um dos grandes destaques do evento foi a feijoada com samba da Tia Surica com a Portela, um verdadeiro ícone carioca.



## Roberta Sudbrack

*“Já viajei muito para mostrar ao mundo os sabores e os saberes da cozinha brasileira, é sempre uma experiência muito gratificante.*

*Mas desta vez teve um gostinho muito especial. Tenho uma forte ligação com a França, minha formação é autodidata, mas a minha base de estudo sempre teve uma ligação com as técnicas e a lógica francesa. Além disso, tenho fascinação pelo respeito que os franceses têm pela comida. Costumo viajar para o interior da França com frequência para vivenciar esse respeito e esse sentimento. Então, poder mostrar um pouquinho da cultura gastronômica brasileira ao lado de chefes brasileiros extraordinários foi realmente uma experiência muito especial.*

*O evento mostrou a força, o carisma e a curiosidade que a cozinha brasileira desperta no mundo. Foi um momento para carimbar na história da cozinha moderna brasileira.”*



Roberta Sudbrack. Foto: Marcos Moreira

## Marcelo Schambeck

*“Uma honra cozinhar num país onde a gastronomia é muito presente na vida das pessoas e poder mostrar o tamanho do nosso Brasil subtropical, principalmente, a cultura e a gastronomia do Rio Grande do Sul. No jantar, fizemos uma costela 16 horas no formato banquete, bem à brasileira, e, para sobremesa, usamos o butiá. No ateliê culinário apresentamos um carreteiro com costela e pinhão. Foi sucesso, uma vez que os franceses, muito acostumados com o pinole – o pinhão da culinária mediterrânea preferido na Europa –, ficaram impressionados com o tamanho, o sabor e a textura do pinhão.”*

Marcelo Schambeck. Foto: Marcelo Schambeck



## Vico Crocco

*“Quando recebi o convite de Emilio Kalil para participar do Food Temple, ele me pediu para fazer um prato que não fosse tão focado na carne ou na gastronomia tradicionalista, pois Marcelo (Schambeck) já iria fazer uma costela. Como estou muito conectado ao tropicalismo brasileiro, tive a ideia de fazer o xinxim de galinha, um prato com leite de coco, dendê, amendoim, castanha de caju, quiabo, pimentão, tomate, farofa de pipoca e arroz cozido na água de coco fresca, em homenagem à comunidade negra, aos meus amigos chefs e à cultura religiosa africana no Rio Grande do Sul, ainda tão abafada pela sociedade. Nosso Estado possui a maior concentração de religião africana do país, e o xinxim é um prato afrobrasileiro que não vemos na cultura gastronômica.”*



Vico Crocco. Foto: Arquivo Pessoal

## Do Vidigal para a França

Madrinha do 9º Food Temple que retornou ao Carreau du Temple este ano, a ghef de cozinha e mestre confeitira, **Alessandra Montagne** nasceu na comunidade do Vidigal, no Rio de Janeiro. Com oito dias de vida, foi entregue pela mãe para os avós paternos, que a criaram em Poté, cidadezinha no interior de Minas Gerais, próximo à Teófilo Otoni. Aos 16, depois de uma gravidez e um casamento, começou a fazer coxinhas com a avó e vender em uma escola. Com o dinheiro acumulado em quatro anos, comprou uma passagem e foi, com o filho André,

para São Paulo, mais especificamente para Itaquera, morar com parentes. Não demorou para fazer contato com a mãe e, tempos depois, ficou decidido que ela se mudaria para a França.

Na cidade, Alessandra trabalhou numa indústria de produtos farmacêuticos, mas como a cozinha estava na alma, tentou e foi aceita em um curso de culinária de um ano na escola Méric. Dois anos depois, conseguiu o primeiro emprego na área como chef confeitira. Foi com esse foco e persistência que abriu seu primeiro restaurante, em 2012, o Tempero, bem longe da rota de turismo da cidade. Mas nem por isso deixou de ser notada, não só pelos locais, que desde o primeiro dia fizeram fila para conhecer sua comida, quanto pelo papa da culinária francesa, o chef Alain Ducasse.

Além do Tempero, a brasileira comanda também o Nosso e acumula uma série de marcos no currículo: de menus assinados para o Festival de Cannes a jantares com o presidente francês, Emmanuel Macron, e uma temporada no hotel Plaza Athénée. Em 2026, Alessandra será a responsável, como chef convidada, pelo novo restaurante no Museu do Louvre. ■





# Café Iberê reabre as portas sob nova direção

O tradicional espaço da Fundação Iberê, em Porto Alegre, agora é administrado pelos empresários Letícia Huff e Rogério Prigol, os mesmos à frente do sucesso Café da Catedral, no Centro Histórico



Fotos: Divulgação: Café Iberê



Com vista para o Guaíba, o Café Iberê reabriu as portas em setembro sob nova direção e com um cardápio de delícias exclusivas. O convite partiu de Emilio Kalil, superintendente da Fundação, e foi prontamente aceito. “É um lugar incrível, conectado ao Guaíba e à cultura de Porto Alegre. Acreditamos que podemos repetir aqui o mesmo espírito de encontro e acolhimento da Catedral”, diz Letícia.

O novo espaço convida o público a desfrutar de uma experiência sensorial completa, com vista privilegiada para o pôr do sol e menu assinado pelo chef Matheus Monteiro, que também comanda a operação na Catedral. Inspirado na arte contemporânea e na obra de Iberê Camargo, o cardápio une sabor e estética em criações como o Poente Iberê – prato vegetariano que traz creme de cenoura, tofu, cogumelos, crocante de sementes e chips de beterraba – e o Dark Paris-Brest, sobremesa que homenageia as cores e formas da obra do artista.

Entre as opções para compartilhar, destaque para o Antepasto Iberê, com salame de javali, pato defumado, presunto cru, queijos artesanais e mel, e o Toast de Picanha Defumada, servido em focaccia tostada com creme de queijo colonial e alho-poró. Há ainda cafés, drinques, vinhos e espumantes.

Com capacidade para 40 pessoas no salão interno e outras 50 na área externa, o Café Iberê promete se tornar um dos novos pontos de encontro culturais da cidade, unindo gastronomia, arte e o cenário deslumbrante do Guaíba ao som de DJs sempre ao final da tarde. ■

## SERVIÇO DO CAFÉ IBERÊ

Quarta a domingo,  
das 14h até o pôr do sol



# A brasileira Gabriela Stragliotto e o francês Tom Brabant mostram a potência da nova geração de artistas contemporâneos

A parceria entre a Aliança Francesa de Porto Alegre e a Fundação Iberê no Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea tem revelado a potência da nova geração de artistas franceses e brasileiros. Criado para estimular a produção das artes visuais e promover um programa cruzado de residência artística Brasil-França, em 2025 os grandes vencedores foram Gabriela Stragliotto (BR) e Tom Brabant (FR).

## Um rio que sonha seu caminho até o oceano

Gabriela Stragliotto nasceu há 34 anos em Galópolis, zona rural de Caxias do Sul, e cresceu entre a região Sul e o interior do Mato Grosso. Vinda de uma família de agricultores, a artista vê seu trabalho marcado pela infância e seus contrapontos nas cidades contemporâneas. Suas obras são um meio através do qual ela revisita esses ambientes e cria territórios fictícios, ao mesmo tempo estranhos e familiares.

Partindo do interesse pelas variações que o espaço causa na nossa percepção do tempo, principalmente nas contradições geradas entre o campo e a cidade, Gabriela tem se envolvido com frequência no estudo da paisagem e dos processos de construção

Foto: Geórgia Lisboa Thomé



e abstração da imagem, principalmente através do desenho e da pintura, predominantemente com o uso da tinta óleo e do nanquim sobre a tela. Os trabalhos mais recentes exploram as dimensões subjetivas da paisagem – especialmente aquelas calcadas pela água, como rios, lagos e pântanos – tratando-as como territórios emocionais e simbólicos ligados aos sonhos, aos mitos e às imagens do inconsciente.

Durante seu período de residência artística no Intermondes - Humanités Océanes, em La Rochelle (França), Gabriela pretende explorar a transição entre as águas continentais e oceânicas e sua ligação com a experiência humana através da pintura. “Me interessa estar próxima ao mar, entender como isso transformou a cultura e o imaginário das pessoas que interagem com esse ambiente e, quem sabe, coletar elementos dessa paisagem e dessas histórias, e observar como La Rochelle se construiu para a minha pintura”, destaca a artista.

Foto: José Kalil



## A paixão pela geometria, Iberê e Elis

Durante sua residência artística em Porto Alegre, Tom Brabant, de 26 anos, teve a oportunidade de “viver” Iberê Camargo, tanto no Ateliê de Gravura quanto na casa do artista, a Casa Iberê, onde ficou hospedado por 45 dias. Dessa vivência nasceu a exposição **Elíptico 33 rpm**, inspirada em duas forças da arte brasileira muito presentes na vida de Brabant: Iberê Camargo e Elis Regina.

“Ao pesquisar a obra de Iberê, fiquei impressionado com seu interesse por objetos em movimento: os carréis de sua infância, as pipas e, especialmente, os ciclistas. Nessa perspectiva, experimentei na gravura essa ideia de laços, repetições (sobreposições) e de ‘fantasma’. O segundo encontro foi com Elis Regina. Quando aprendi seus apelidos, como ‘Hélise Regina’ e ‘Eliscóptero’, imaginei imediatamente o que poderia restar de sua energia rotatória, o que pode gravar em nossa memória – as lembranças de seus gestos – de sua existência quase mítica”, conta.

Brabant tem construído sua produção em torno do conceito de “deslizar”, um movimento plural e fluido que, para o artista, consiste em criar sobre o que já existe. Seu universo visual e conceitual também transita entre “loops”, espirais e elipses, onde tudo parece recomeçar ou se repetir.

“Deslizar é um movimento, uma transição entre dois estados e, às vezes, entre dois mundos. Eu o situo entre o florescimento e o desaparecimento das coisas, flutuando entre a inspiração e a expiração de um movimento, onde posso livremente contornar, explorar e subverter os assuntos que me interessam. A partir daí, meus projetos nascem, na maioria das vezes, de analogias e montagens de ideias nas quais tento fazer coexistir duas realidades aparentemente incompatíveis”, enfatiza o artista.

**Elíptico 33 rpm** está em cartaz até o dia 16 de janeiro de 2026, no Museu de Arte do Paço (Praça Montevideu, 10 - Centro Histórico).

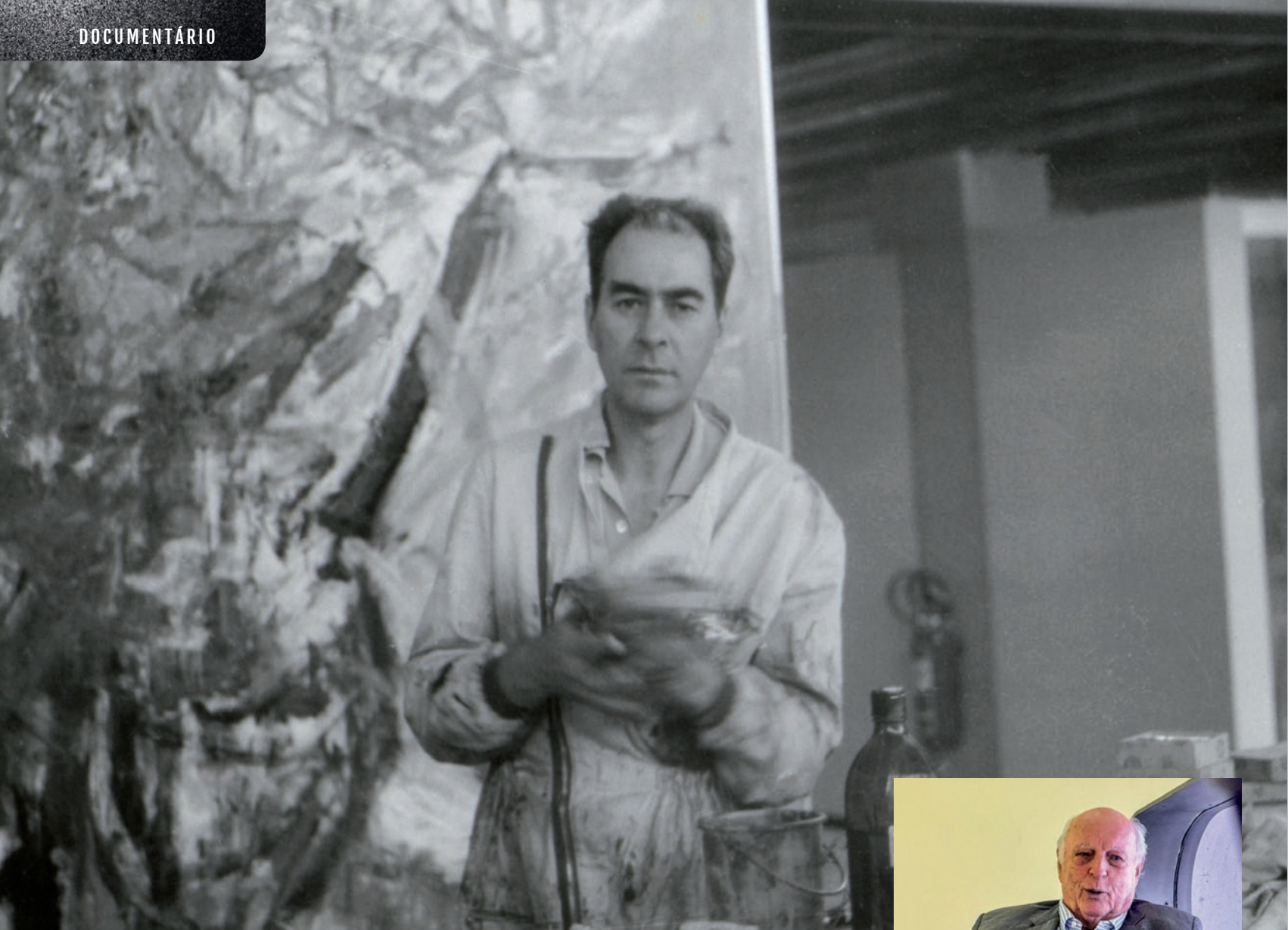
O Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea é realizado pela Aliança Francesa Porto Alegre, o Ministério da Cultura e a Fundação Iberê. Patrocinado pela empresa TIMAC AGRO, recebe o apoio da Casa Iberê, do Centro Intermondes – Humanidades Oceânicas, do Consulado Geral da França em São Paulo e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. ■



# Iberê Camargo ganhará documentário sobre suas oito décadas de vida e obra

O lançamento nacional de “IBERÊ” está previsto para 2026

Foto: Hugo Kovensky



Fotos: Divulgação

*“Eu creio na eternidade da arte, única permanência da nossa transitória individualidade. O artista é o homem que toca o infinito, você com seus mármore, eu com as minhas cores. Ambos procuramos com as nossas mãos e os nossos corações dar permanência ao transitório. É por isto, amigo, que lamento aqueles que cuidam do circunstancial, do relativo. Deixemo-los de lado. Nós pertencemos a uma outra raça. Não direi que sejamos melhores ou piores, apenas diferentes.”*

Carta de Iberê ao escultor Bruno Giorgi  
15 de outubro de 1968

A Liligo Produções Artísticas desembarcou em Porto Alegre para mais uma série de entrevistas para o documentário “IBERÊ”. O filme dirigido por Elisa Gomes e Hugo Kovensky, com coprodução da CLARO, recupera não só o âmbito artístico em si, mas todo um contexto social, político e cultural da segunda metade do século 20, propondo uma reflexão sobre um período relevante da arte brasileira.

O documentário é baseado na pesquisa realizada sobre a obra de Iberê Camargo dentro da Fundação Iberê, levantamento de materiais e imagens nos principais arquivos de mídias do país e do exterior, além de entrevistas com colaboradores, artistas e críticos de arte que conviveram com ele e com Maria Coussirat Camargo, mulher e grande suporte durante toda a sua vida, incluindo questões difíceis que atravessaram a vida do casal.

“A construção da narrativa se dará através das vozes de Maria e Iberê. A voz de Maria em cartas e algumas entrevistas mostrará o papel que teve na vida de Iberê como eixo fundamental desse casamento e da vida artística dele. A voz de Iberê será mostrada através de inúmeras entrevistas, sendo muitas delas inéditas e descobertas em arquivos nacionais. Temos também os filmes feitos por Enio Soliani e as fotos de Luiz Eduardo

Achutti e, principalmente, o acesso que tivemos ao acervo da Fundação Iberê que guarda preciosidades”, diz a diretora.

O filme “IBERÊ” contará com depoimentos de críticos de arte, curadores, galeristas, ex-alunos e alguns amigos como: Augusto Massi (editor e poeta), Carlos Martins, Carlos Vergara, Carlos Zilio e Regina Silveira (ex-alunos), Eduardo Haesbaert (gravador de Iberê), Flavio Tavares (amigo), Jones Bergamin (marchand), Jorge Gerdau Johannpeter (fundador e presidente do conselho da Fundação Iberê), Justo Werlang (fundador e diretor-presidente da Fundação Iberê), Lia Raffainer (amiga e modelo), Luiz Eduardo Achutti (fotógrafo),



Marília Carneiro (ex-mulher do cineasta Mário Carneiro, fotógrafo do Cinema Novo), Lorenzo Mammí, Paulo Venancio Filho, Rodrigo Naves e Ronaldo Brito (críticos e curadores) e Tina Zappoli (galerista).

“Durante meu casamento com Mário Carneiro, eu convivi bastante com o casal Iberê e sua Maria. Mário e ele tinham uma enorme amizade e grandes afinidades artísticas. Aliás, a correspondência deles virou um delicioso livro – Iberê Camargo/Mário Carneiro: correspondências – que eu recomendo a todos. Registra a temporada Suíça que Mário passou recuperando forças de uma pneumonia no alto da montanha”, diz a figurinista Marília Carneiro.

As entrevistas serão doadas ao acervo da Fundação Iberê. ■





## Panmela Castro prepara projeto para Fundação Iberê

Figurando na lista das 150 mulheres que “abalaram o mundo”, feita pela revista americana **Newsweek**, a artista e ativista Panmela construiu sua trajetória provocando reflexões sobre questões humanas

Dona de uma potente e multifacetada produção artística, ao longo de vinte anos, a carioca Panmela Castro vem construindo uma trajetória que articula arte e ativismo. Sua produção se estrutura a partir do conceito de “deriva afetiva”, no qual o acaso não apenas permeia sua obra, mas se torna o sujeito dos acontecimentos que a constituem. Dessa forma, sua prática se inicia na performance, compreendida como um processo relacional que se desdobra em pintura, escultura, instalação, vídeo e fotografia. Mais do que registros, esses meios funcionam como extensões da performance, capturando e ressignificando os vestígios dos encontros que fundamentam sua investigação artística.

A artista prepara um projeto que fala sobre afeto, pertencimento e direitos humanos em diálogo com histórias por gaúchos sobre momentos cruciais

vividos. Em vez de falar “sobre” a cidade à distância, Panmela Castro quer escutar, acolher e transformar narrativas locais – com especial cuidado diante do contexto recente de perdas – de deslocamentos e de reconstruções.

“Embora o projeto dialogue com o contexto das enchentes em Porto Alegre e com experiências de perda e reconstrução, esse tema é tratado com cuidado. Não se trata de ilustrar a catástrofe ou falar em nome da cidade, mas de abrir um espaço de escuta em que cada pessoa, se assim desejar, possa inscrever suas próprias memórias e perdas – materiais ou simbólicas. Como artista, me coloco explicitamente como convidada estrangeira na cidade, operando a partir da escuta, da confiança e da responsabilidade ética no uso dessas narrativas”, destaca.



### A arte como enfrentamento da violência contra as mulheres

Figura central da quarta onda feminista no Brasil, conforme destacado por Heloisa Buarque de Holanda em seu livro “Explosão Feminista”, Panmela Castro é fundadora da Rede NAMI, organização sem fins lucrativos dedicada à promoção dos direitos das mulheres e ao combate à violência de gênero. Suas iniciativas já impactaram mais de 200 mil pessoas no Brasil e ajudaram a transformar a percepção da mulher vítima de violência doméstica na sociedade brasileira.

Por sua atuação em arte e direitos humanos, recebeu títulos e prêmios como Young Global Leader, pelo Fórum Econômico Mundial, DVF Awards e foi reconhecida pela revista Newsweek como uma das 150 mulheres que estão mudando o mundo.

Graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em Pintura e mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi nos grafites que Panmela se encontrou para desenvolver suas criações. No princípio, assinava suas intervenções com o pseudônimo Anarkia Boladona. Com o tempo, passou a pintar pelos muros de cidades, como Nova York, Paris, Istambul, Tel-Aviv, Toronto e Johannesburgo, além de pontos estratégicos do Rio, como a Leopoldina, o Centro e o Arpoador, figuras femininas que representam liberdade e transformação, mas que também atentam para a ignorância sobre os direitos da mulher.

Seu trabalho deixou marcas significativas em instituições, como MASP, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Instituto Inhotim, Stedelijk Museum (Amsterdã), ICA Miami, entre outras, e que hoje integra coleções de referência no circuito internacional. ■





## ERRÓ celebra meio século de pop barroco na Fundação Iberê

Foto: Divulgação

Aos 93 anos, Erró nasceu Guðmundur Guðmundsson, em Ólafsvík, no noroeste da Islândia. Reconhecido como um dos importantes nomes da vanguarda europeia dos anos 1960, da pop art e do surrealismo, o artista continua ativo como nunca trazendo humor sob forma de informação, brincando com as principais figuras e fatos políticos do século. “Imagem, colagem, reprodução, histórias em quadrinhos. Meu trabalho é confrontar documentos de uma grande diversidade para compor uma fotografia manual”, disse certa vez em entrevista à Ilustrada (Folha de S.Paulo).

Erró se encantou pela pintura aos dez anos de idade, ao folhear um catálogo do Museu de Arte Moderna de Nova York. Aos 19 anos, a pintura tornou-se sua missão na vida. Viajou extensivamente pela Espanha, Itália, França e Alemanha na década de 1950, estudando na Academia de Arte de Florença em 1954 e na Escola de Arte Mosaica Bizantina de Ravena em 1955. Foi nessa época que começou a expor em Paris, onde optou por viver a partir de 1958. Ao longo dos anos, participou de centenas de exposições e hoje as suas obras estão expostas em museus de todo o mundo, incluindo o Centre Pompidou em Paris.

O mundo pictórico de Erró é povoado por personagens de histórias em quadrinhos e déspotas autocráticos. O Pato Donald com sua Daisy, Chip & Dale e outras criações de Walt Disney são inconscientemente justapostos com deuses gregos e madonas. Em outro lugar, Adolf Hitler está ombro a ombro com seu homólogo iraquiano Saddam Hussein, enquanto o líder chinês “Mao Zedong” é retratado em uma proposta verdadeiramente monumental.

O artista adota o mesmo espírito provocador para expor lideranças cujas máquinas de propaganda defendem a ditadura, o conformismo e a uniformidade, como ele, em outras de sua série de filmes, para permitir que suas orientais com véus exponham os próprios seios. Pastiches de Picasso, Léger, Disney e Dalí também se tornaram uma espécie de marca registrada, à medida que ele implanta um potpourri de estilos e linguagens pictóricas com abandono deliberado. ■





Fotos: Mariah Pinheiro

## Iberê nas Escolas: A arte que expande fronteiras

O programa Iberê nas Escolas, com trajetória consolidada desde 2019 — iniciado em Porto Alegre, expandido para o município de Guaíba e atuante por dois anos na comunidade rural do Parque Eldorado, em Eldorado do Sul —, ampliou seu alcance para uma nova região neste trimestre. Em parceria com a Secretaria de Educação de Barra do Ribeiro e com apoio da CMPC, o programa chega agora ao distrito de Douradinhos, onde a Escola Municipal Gottofredo Hein foi selecionada para receber o projeto. A iniciativa reafirma o compromisso de levar arte, cultura e formação a comunidades geograficamente afastadas dos grandes centros urbanos.

Desde setembro, vinte e cinco estudantes do 6º ao 9º ano participam de encontros semanais de arte-educação no contraturno escolar. As atividades são planejadas a partir de seus repertórios, vivências e interesses, valorizando identidades, fortalecendo autoestima e ampliando o senso de pertencimento dos jovens ao seu território — entendido não apenas como espaço físico, mas como um conjunto de experiências, afetos e histórias que nos atravessam.

Em uma região com acesso limitado a equipamentos culturais, o Iberê nas Escolas se consolida como uma verdadeira ponte para novas experiências. As práticas interdisciplinares, as experimentações artísticas e os diálogos sobre o sistema da arte não apenas aproximaram o grupo do universo museal, como também os inspiraram a criar o seu próprio “museu da escola”: o MAGG — Museu de Arte do Gato Gottofredo. Ao inventarem o nome, o perfil institucional e a identidade visual do museu, os estudantes tomaram decisões em assembleia, criaram, selecionaram obras e construíram sentidos coletivamente. Esse processo transformou a criação do museu em um potente dispositivo pedagógico de pertencimento, no qual passaram a compreender a arte e a cultura como campos próximos, reais e atravessados por seus repertórios pessoais e territoriais. Fortalecendo-se,

assim, a ideia do museu de arte como um espaço de memórias e identidades coletivas.

Essa etapa de descobertas culminou na tão aguardada visita à Fundação Iberê, onde os estudantes puderam dialogar diretamente com as biografias e produções de artistas, com o acervo, a arquitetura e os espaços expositivos — vivenciando, de forma concreta, os conceitos e discussões que vinham explorando ao longo do trimestre.

Para o encerramento do ano, a arte-educadora orienta a construção da mostra “Identidade & Território”, que reunirá produções poéticas, práticas de arte contemporânea e experiências de curadoria e mediação elaboradas pelos próprios alunos. E atendendo ao forte interesse do grupo pela música, o programa também incorporou um oficinairo da área, impulsionando a formação de uma banda escolar. O grupo ensaia uma fanfarra, que rá apresentada na festa de Natal da cidade, celebrando a potência do encontro entre arte, território e criação coletiva.

A chegada do Iberê nas Escolas à região tem aberto caminhos de descoberta e expressão, renovando as relações entre comunidade, território e cultura — e reafirmando o poder transformador da arte no cotidiano. ■







## Confira abaixo nossa programação de exposições

As visitas podem ser agendadas pelo Sympla, aponte a câmera de seu celular no QR code ao lado para mais informações.

Visite nosso site: [www.iberecamargo.org.br](http://www.iberecamargo.org.br)



**IBERÊ  
CAMARGO**  
ESTRUTURAS  
DO GESTO

14 JUN > 01 MAR



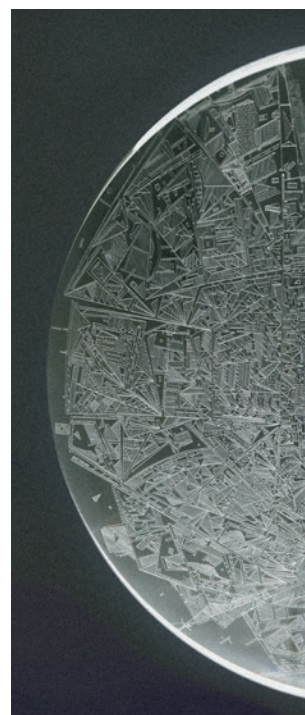
**MAREPE**  
UM FIO QUE LIGUE  
OS MUNDOS

23 AGO > 15 MAR



**TARIK  
KISWANSON**  
FORA DO  
TEMPO

30 AGO > 01 MAR



**MARCO  
MAGGI**  
LA ECONOMÍA  
DE LA ATENCIÓN

15 NOV > 15 MAR



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA  
AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES

PATROCINADORES



GRUPO **GPS**

Grupo Savar



PROGRAMA EDUCATIVO



IBERÊ NAS ESCOLAS



(TEA)RTE



APOIO/PARCEIRIAS

**Perto**

**CatSul**

**DELL**  
Technologies

**LAGHETTO**  
HOTELS

**Manhattan**  
BY BOUTIQUE

**INTERCITY**  
PRAXIS DE BELAS

**COASA**

**isend**

PATROCÍNIO LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA  
PROGRAMA EDUCATIVO

REALIZAÇÃO



Fundação **Iberê**

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



## MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2025

**BENEMÉRITO:** JORGE GERDAU JOHANNPETER

**CONSELHEIROS MANTENEDORES:** ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMES

HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JOSEPH THOMAS ELBLING | JÚLIO CESAR GOULART LANES | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY

RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN | WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

**MANTENEDORES:** ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | IRINEU BOFF | JUSTO WERLANG | PATRICK LUCCHESI | SILVANA ZANON